

# Quem é Martin Heidegger: entre o pensamento e a biografia

Matheus Jeske Vahl<sup>1</sup>  
Orientador Prof. Osmar Miguel Shäefer

---

**Resumo:** O artigo faz uma apresentação de aspectos biográficos e do pensamento de Martin Heidegger, pensador alemão do séc. XX. Procura relacionar os dois âmbitos a fim de compreender o pensamento do autor em sua construção, bem como, sua importância à história do pensamento contemporâneo. O artigo aborda a vida de Heidegger desde a infância, expondo seus encontros com os temas mais pertinentes da filosofia, suas críticas ao pensamento ocidental e as soluções que o autor apresenta.

**Palavras-chave:** pensar; sentido e humano.

---

## Introdução

Heidegger, como poucos faz uma análise dos problemas de seu tempo. Compreende de maneira genuína a construção do modo de pensar e da cultura do ocidente. Aponta saídas decisivas e ao mesmo tempo “enigmáticas” às grandes indagações suscitadas por seu tempo.

Seu pensamento se desenvolve em um dos períodos mais críticos da história da Alemanha, onde ele nasce, estuda e tenta compreender as questões mais caras ao pensamento humano. Trata-se de uma época em que a humana idade vive a “ausência de sentido” – *a era da técnica* – onde a “natureza inteira perde seus encantos (...) se torna uma espécie de loja enorme onde os humanos podem se abastecer a vontade”<sup>2</sup>, porque a vida se desenvolve num universo onde a “preocupação com os fins, com os objetivos últimos da história humana”<sup>3</sup> simplesmente desapareceram. A vida se destituiu de sentido. Heidegger vivencia, algumas vezes tragicamente, a ausência de sentido. Seu furor filosófico lança-se à história para compreender as causas deste modo de pensar, com vistas a apontar um horizonte, descobrir uma nova *abertura* ao sentido.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 1º semestre de Teologia no Instituto Superior de Teologia Paulo VI da UCPel.

<sup>2</sup> FERRY. *Aprender a Viver*, p. 244.

<sup>3</sup> FERRY. *Aprender a Viver*, p. 244.

O presente artigo tem por objetivo apresentar aspectos biográficos e do pensamento de Martin Heidegger, um dos mais importantes, influentes e atuais pensadores do século XX. Martin Heidegger era versado na vasta e influente filosofia alemã, conheceu profundamente o pensamento moderno, interpretou genuinamente os pensadores latinos e os gregos. Assim, elabora uma contundente crítica ao pensamento ocidental, uma “desconstrução” que de modo algum se confunde com o niilismo. Heidegger quer “desconstruir” a filosofia para “revitalizar” o pensar, ou melhor, encontrar o horizonte em que o pensamento possa perguntar novamente pelas questões fundamentais da vida humana. A elaboração de uma ontologia fundamental, que coloca a “condição humana” no horizonte do pensar, é a originalidade com a qual Heidegger supera o modo de pensar da técnica e se torna um dos pensadores mais atuais de nosso tempo, uma vez que aponta à humanidade sufocada no fechamento do subjetivismo metafísico da modernidade, um horizonte *aberto* onde é possível “escutar a voz que ecoa na complexidade da existência humana”.

Na elaboração deste artigo, originalmente um capítulo do meu trabalho de conclusão de curso em filosofia (“*A condição humana*” na “*carta sobre o humanismo*” de Martin Heidegger), detive-me na biografia de Rüdiger Safranski, nos comentários de Ernildo Stein e Marlene Zarader e nos elementos extraídos da obra do próprio autor, com a pretensão de compreender seu pensamento à luz de sua vida, pois, “o autêntico pensar é aquele que brota da pobreza da condição humana”.<sup>4</sup>

## 1. Os primeiros passos em Messkirch

Nas trilhas da floresta negra alemã, na pequena cidade de Messkirch, crescera desde o ano de 1889 Martin Heidegger, filho de Friedrich Heidegger e Johanna Heidegger, ambos católicos praticantes, Friedrich por exemplo era sacristão e zelador da capela local, que levava o nome do padroeiro da cidade São Martin. O pequeno Martin crescera em meio ao ambiente simples daquela vila de camponeses, onde se brincava no lago, cortava-se lenha, corria-se no campo, tudo em uma relação de profunda “amizade” com o mundo em torno, tratava-se de um lugar em que se podia sentir a “presença dos deuses que ali habitavam”.

---

<sup>4</sup> Referência ao parágrafo conclusivo da Carta Sobre o Humanismo (p.174).

Os traços, as imagens e os hábitos, da vida no “campo” são marcas registradas, do pensamento de Heidegger. Estes traços e hábitos apareciam não só pelo fato de o professor Heidegger recolher-se a seu sítio em Todtnauberg, a fim de preparar suas conferências e escrever seus livros, mas evidenciavam-se, de modo especial, na linguagem peculiar de seu pensamento. Um de seus textos célebres, o poema “*Caminhos do Campo*”, mostra claramente este importante traço de seu pensar. Nele se encontra esta frase chave do pensar de Heidegger:

O pensamento sempre de novo às voltas com os mesmos textos ou com seus problemas, retorna à vereda que o caminho estira através da campina. Sob os pés, ele permanece tão próximo daquele pensamento, quanto do camponês que de madrugada caminha para a ceifa<sup>5</sup>.

Nesta passagem, encontra-se uma posição sobre o “jeito de ser” da filosofia, explicitada em uma linguagem poética, que se utiliza de imagens tipicamente “camponesas”. Este “traço particular” é fundamental para a compreensão do modo de pensar, com que Heidegger almeja revolucionar a filosofia.

## 2. O seminário e o primeiro contato com a modernidade

A forte ligação da família com a Igreja influenciou o jovem Martin a ingressar no seminário católico de Constança, no ano de 1903. Como a família não possuía recursos para manter seus estudos, Martin fora agraciado com uma bolsa de estudos financiada por uma fundação local, o que lhe permitiu permanecer no liceu de Constança até 1909, quando foi convidado para ingressar no noviciado jesuíta.

A cidade de Constança mudará significativamente sua personalidade. Ao contrário de Messkirch, Constança era uma cidade confessionalmente mista, onde muito se falava no ateísmo, na filosofia do inconsciente, na psicanálise, em Nietzsche, e onde, acentuadamente, se venerava o “espírito moderno”. Havia na cidade um forte “espírito anti-clerical” marcado pelo chamado humanismo liberal, que, naquela época, estava muito difundido na Alemanha. Como os estudantes do noviciado tinham de estudar em uma escola controlada pelo Estado, Heidegger logo entrara em contato direto com este pensamento chamado de “moderno”.

---

<sup>5</sup> HEIDEGGER. *O Caminho do Campo*, p. 67.

Entretanto, os internos eram ensinados a combater esse espírito moderno e a exercer uma rotina diferente dos outros alunos, o que os colocava em um confronto intelectual direto com os estudantes laicos. Os estudantes internos,

tinham de preparar, por turnos, conferências em que precisavam mostrar-se bem armados. Tratava-se, por exemplo, da questão de o ser humano poder ou não realmente chegar a ser humano, por suas próprias forças (...) falava-se em liberdade e pecado original (...). Por vezes, os internos também viviam como jovens, por vezes, em dias ensolarados saíam para o campo cantando e tocando guitarra (...). Menos alegre para os internos, era conviver com os colegas “livres” no liceu, especialmente se estes vinham de classes mais abastadas (...). Os internos ficavam um pouco afastados dos demais (...), excluídos de muitos divertimentos dos colegas “mundanos”, faltava-lhes dinheiro ou havia proibições diretas<sup>6</sup>.

Nesta esfera conflitante entre o confessional e o laico, inicia-se a caminhada de Heidegger longe de Messkirch. No liceu, ele se encontra com dois modos de vida bastante distintos: dentro do colégio a vida era rigorosa e até severa, exigia-lhe esforço, fora dali ela era fácil, rápida e sobretudo superficial. De qualquer modo, os caminhos que Heidegger tinha para trilhar daqui em diante, não eram mais como as trilhas nos campos da floresta negra.

De Constança, Heidegger vai estudar em Freiburg, sua segunda terra natal. Aqui, Heidegger estuda Filosofia e inicia seus estudos de Teologia junto a Companhia de Jesus, inclinado a seguir a vocação sacerdotal. Era um aluno esforçado e determinado, desde cedo sempre procurou seguir seu próprio caminho nas atividades intelectuais, onde não se mostrava atraído pelas tendências e correntes de seu tempo, seu pensar sustentava-se no chão firme de sua fé. Neste período, inicia sua caminhada como intelectual católico. Era versado na cultura alemã e na fé que professava. Em Freiburg, Heidegger sabia aquilo que o distinguia do ambiente burguês de Constança, argumentava com firmeza contra a decadência da cultura de seu tempo, que se deixava dominar cada vez mais pelo superficial.

---

<sup>6</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 37-38.

### 3. O encontro com o problema do ser em meio à lógica e a filosofia medieval

Em 1907, Heidegger recebe do amigo e bispo de Freiburg Dr. Conrad Gröber, a dissertação de Franz Brentano: “*Sobre a múltipla significação do ente segundo Aristóteles*”. “Ali ele encontra o que chama de lógica *severa, gélida e fria*, algo para homens de espíritos fortes, que não querem viver apenas de suas opiniões e emoções”<sup>7</sup>. Esta obra será o divisor de águas daquele pensamento que amadurecia entre as certezas da fé e a rigidez da lógica.

Os enigmas sem saída do texto de Brentano, darão a Heidegger a coragem para adentrar em uma trilha da qual ele não sairá jamais, conforme ele mesmo expõe em seu discurso na universidade de Heidelberg em 10 de maio de 1958:

Em 1907, o Dr. Conrad Gröber, mais tarde bispo de Freiburg im Breisgau, amigo de meu pai e nascido em minha terra, ofereceu-me a dissertação de Franz Brentano (...). As numerosas e extensas citações gregas substituíram a edição de Aristóteles que ainda não possuía (...). A pergunta pela unidade da mutiplicidade do ser, que naquele momento se apresentava de maneira obscura, titubeante e desamparada, permaneceu através de muitas reviravoltas, aporias e perplexidades, o motivo ininterrupto para o tratado “*Ser e Tempo*”, que apareceu dois decênios mais tarde<sup>8</sup>.

O problema do ser, a partir de agora será a questão fundamental que seu pensamento deverá compreender e esclarecer. Em torno da defesa das exigências de validade da lógica em contraponto à relativização psicológica, o jovem filósofo inicia com Husserl uma parceria e uma amizade que será decisiva para seu pensamento.

Martin Heidegger, torna-se o “devoto mais fiel” das “*Investigações Lógicas*”<sup>9</sup> de Husserl. Encontra-se agora imerso em uma “lógica” que tenta defender a rigurosidade do pensamento, criticando a modernidade e sobretudo as correntes naturalistas que emergiam desde o séc. XIX. Nesta época, era de longe ainda que ele observava a explosão do pensamento de Nietzsche e das correntes que pregavam a crise do humano.

<sup>7</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 51.

<sup>8</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 9.

<sup>9</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 53.

Com a lógica e com a fenomenologia de Husserl, Heidegger tenta manter-se em seu solo seguro, não quer ser levado pelos ventos que assopram para todos os lados, seu sonho é

apanhar uma ponta de valor supra-individual, e para ele isso significa muito, pois, quer acreditar na realidade objetiva do espírito. O espírito não deve ser apenas um produto da nossa cabeça. Mas ele também quer evitar duas coisas: a queda no materialismo e a falsa subida aos céus do idealismo subjetivo<sup>10</sup>.

Nos anos de 1911/12, as “*Investigações Lógicas*” já são seu livro de cabeceira preferido. Publica seus primeiros trabalhos filosóficos intitulados: “*O Problema da Realidade na Filosofia Moderna*” e em “*Novas Investigações sobre a Lógica*”. A publicação das primeiras obras acontece em um momento bastante difícil de sua vida. Ele fora dispensado dos jesuítas por problemas médicos, e seu caminho filosófico agora tem de seguir pelo estudo das ciências naturais. No entanto, isto não significa um abandono da filosofia, seu pensar agora continuará no rumo da filosofia católica.

Criticando filósofos de renome como Wilhelm Wundt e Theodor Lipps, apresenta, em 1913, sua tese de doutorado intitulada “*A Doutrina do Juízo no Psicologismo*” onde demonstra ser o discípulo mais aplicado de Husserl, na tentativa de resolver a tensão entre lógica e realidade, conforme o biógrafo Rüdiger Safranski.

Amparado com uma bolsa da Fundação em honra a Santo Tomás de Aquino, que lhe pede a pesquisa na área de filosofia católica, aprofunda seus estudos de Lógica ao lado do amigo Engelbert Krebs, especialista na Filosofia Escolástica. Este lhe motiva a elaborar seu trabalho visando a um concurso de cátedra. Agora na busca de uma cátedra de filosofia católica, Heidegger apresenta “*A Doutrina de Duns Scotus das Categorias e dos Sentidos*”. Enquanto elabora este trabalho filosófico importante, encontra-se com a filosofia da vida, cujos grandes protagonistas eram conforme Safranski: “Friedrich Nietzsche, W. Dilthey, Henri Bergson e Max Scheler”<sup>11</sup>. Contudo, estando envolvido nos estudos da lógica e do pensamento medieval, Heidegger “pouco” embarcou neste pensamento que ainda não vigorava nas cátedras da

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>11</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 67.

universidade alemã, e conclui sua tese em 1913 “com um olhar seco e rígido para uma *lógica pura*”.<sup>12</sup>

Neste momento, ele aparenta “estar longe”, dos temas mais efervescentes na filosofia de seu tempo, embora mais tarde estes venham a tornar-se as colunas de seu pensar: a experiência do tempo, a dissolução do substrato do conhecimento, a arte como lugar da verdade, a facticidade, o mundo. “Heidegger terá de entrar no desamparo metafísico antes de descobrir, à sua maneira, a vida que depois batizará de *facticidade e existência*”.<sup>13</sup>

#### 4. A experiência da guerra e a saída do catolicismo

Em 1914, a Europa explode com a guerra, e nela também a filosofia em todo o meio universitário fervilha com as discussões políticas. Mas, mais uma vez, pelo menos inicialmente, “Heidegger se mantém afastado de tudo isso. Seu furor filosófico, não se manifesta no campo da política. Seu pensamento neste momento, tem a marca de um filosofar apesar da história”<sup>14</sup>. O endereço de seu filosofar era Duns Scotus, o filósofo medieval da crítica à razão. Estudando Duns Scotus, Heidegger quer desocultar a modernidade que se esconde no pensamento escolástico, e isso ele o faz com base na filosofia de seu mestre Husserl.

Heidegger *torna fluido* esse filósofo medieval ao recrutá-lo para Husserl. Apresenta-nos um escolástico que, como Husserl, pesquisa o campo da consciência pura para depois tirar dali, como por mágica, o dispositivo do mundo todo. Pensar o pensar, esse pensar que se contempla enquanto trabalha, desenvolve um cosmos que não se pode remover do mundo, constando que ele não é deste mundo. Basta que ele signifique algo. Heidegger: *Duns Scotus ensina a liberdade existencial do reino dos significados*<sup>15</sup>.

Em 1915, finalmente ele entrega seu trabalho tão arduamente preparado, na esperança de assumir a cátedra de filosofia católica há tanto tempo vaga. É neste momento, que ele se depara com a estrutura burocrática da universidade alemã. Seu trabalho é aceito sem muita importância e até com certo descrédito. A 23 de junho de 1916, o agora assistente de Husserl em Freiburg,

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>14</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 89.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 91.

recebe a notícia de que não ocupará o cargo que tanto almejava. Heidegger é descartado por ser confessional demais, mas nem a facção católica o queria, pois, já não o consideravam um membro tão forte.

Neste contexto, as relações entre Heidegger e o meio católico da filosofia pioram, sobretudo depois de seu casamento com Elfride, que era de tradição protestante. Mas o que efetivamente o afastou deste núcleo da filosofia, não foram só suas desilusões e problemas com o sistema e a hierarquia da universidade alemã, a que Heidegger nunca se adaptou, mas a busca filosófica a que se dedicara com afinco, e que se tornava cada vez mais estranha ao meio filosófico católico.

Em uma carta de 9 de janeiro de 1919, endereçada ao amigo e padre Engelbert Krebs, Heidegger justifica seu “desligamento”:

Os dois últimos anos, nos quais busquei uma clareza de princípios em minha postura filosófica... levaram-me a resultados para os quais, dentro de uma ligação extra-filosófica, eu não teria podido exercer a liberdade de convicção e doutrina. Conhecimentos de teoria do conhecimento, passando para a teoria do conhecimento histórico tornaram o sistema do catolicismo problemático e inaceitável para mim, mas não o cristianismo, nem a metafísica, porém, esta em um novo sentido (...). É difícil para mim viver como filósofo – a veracidade interna em relação a si mesmo, e aqueles aos quais devemos ser professor, exige sacrifícios, renúncias e lutas, que sempre serão estranhas ao mero operário da ciência. Creio ter a vocação interna para filosofia, (...) e só para isso devo empregar minhas forças e justificar até diante de Deus minha existência e minha atuação<sup>16</sup>.

Antes de se desligar do catolicismo, passara por grandes dificuldades, não só no meio universitário, mas como a maioria dos alemães nesta época, ele sofrera com as catástrofes da guerra. Mesmo não tendo sido convocado ao front, Heidegger viveu e sentiu de perto a destruição cultural, material e moral da Alemanha, depois da primeira guerra mundial. Mais do que isso, sentiu na pele a responsabilidade de encontrar as respostas para uma humanidade que se encontrava cada vez mais sem referência e sobretudo sem sentido.

---

<sup>16</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 143.

## 5. A história da Metafísica e o amadurecimento da pergunta pelo sentido do ser

No universo intelectual da Alemanha, logo após a primeira guerra mundial, fervilhavam as chamadas “filosofias da salvação” que buscavam de todos os modos explicar a destruição causada pela guerra, e de modo especial, encontrar um “novo rumo” para a vida na Alemanha. Novamente Heidegger não entra “na onda” das filosofias na moda, seu caminho já estava escolhido desde a leitura da obra de Brentano. Cada vez mais envolvido na fenomenologia de Husserl, sua trilha a partir de agora, será a história da Metafísica.

A intensa leitura das obras de

Kierkegaard, Nietzsche, Dilthey, Dostoiévski, revelou-lhe o movimento que tomava vulto e que se caracterizava como a existência, a vida, o drama do homem concreto, e que acentuava as aporias da civilização ocidental. A idéia de existência e vida passariam a residir privilegiadamente na reflexão de Heidegger<sup>17</sup>.

Além disso, em Marburg ele intensificará o diálogo com a Teologia, de modo especial com Bultmann, onde além de pensadores, como Hegel e Schelling, o filósofo aprofundará autores como São Paulo, Santo Agostinho e também a tradição bíblica, onde “a vida concreta, o momento histórico, o *KAIRÓS*, se manifestavam como elementos essenciais”.<sup>18</sup> A partir de agora, não lhe bastará mais pensar sobre “a discussão lógica do sentido e significado. É preciso perguntar pela realidade da categoria do ser”.<sup>19</sup>

Seu pensamento volta-se para a vida fáctica, mas isto não significa o abandono da indagação fundamental que se colocou, por assim dizer, como o motor de sua filosofia. A questão sobre a multiplicidade do ser, permanece o fôlego para seu pensar. Entretanto, o local onde ele busca o entendimento deste enigma, não é mais a lógica nem a metafísica. Vejamos como ele próprio, em uma entrevista de 1962 a Richardson, fala de seu amadurecimento em torno desta questão:

---

<sup>17</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 16.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.18.

O ser se manifesta (a saber do ponto de vista do ser) de múltiplos modos”. Nesta frase se oculta a pergunta determinante do caminho de meu pensamento. Qual é a simples e unitária determinação de ser que perpassa todos os múltiplos significados? Esta pergunta suscita a seguinte: Que significa ser? Em que medida (por quê e como) o ser dos entes se desdobra nos quatro modos constantemente apenas constatados por Aristóteles, mas deixados na indeterminação na sua comum precedência? Basta citá-los apenas (...), para ser surpreendido por aquilo que a primeira vista aparece como inconciliável: ser como propriedade, ser como possibilidade e realidade (atualidade), ser como verdade, ser como esquema de categorias. Que sentido de ser fala nestes quatro títulos?<sup>20</sup>

Esta inquietação referente a questão do ser, conduzirá seu pensar ao âmago da história da filosofia que se encontra em sua aurora na Grécia. Contudo, Heidegger assim o faz, a partir da filosofia na qual está caminhando, a fenomenologia de Husserl no horizonte da vida fáctica. Vejamos o prosseguimento do relato:

Entretanto, passou um decênio, e necessários foram muitos desvios e aporias pela história da filosofia ocidental, para que as citadas perguntas atingissem uma clareza inicial (...). Pela experiência imediata do método fenomenológico, nas conversas com Husserl, preparava-se o conceito de fenomenologia que a Introdução de “*Ser e Tempo*” (§ 7) apresenta. Papel importante teve nisto, a referência as palavras chaves do pensamento grego explicadas: LÓGOS (tornar manifesto) e PHAINESTHAI (mostrar-se). Um novo estudo de Aristóteles (...) ofereceu-me nova compreensão de ALETHEUEIN como desocultar e a caracterização da verdade como desvelamento, ao qual pertence todo mostrar-se do ente (...), reconheci o traço fundamental da OUSIA, do ser do ente: a presença (...). A inquietante pergunta sempre viva pelo ser enquanto presença (presente), se desenvolveu sob o ponto de vista temporal.<sup>21</sup>

Este exercício fenomenológico-hermenêutico será a marca registrada de seu trabalho neste período. Da publicação do trabalho sobre Duns Scotus até “*Ser e Tempo*”, Heidegger ficou um decênio, como ele mesmo afirma na entrevista apresentada, sem publicar nenhum grande tratado. Entretanto, este “período vago”,

---

<sup>20</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 22-23.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 23.

onde chegou a ser considerado como um dos “grandes intérpretes” de filosofia, uma vez que seus textos, aulas e conferências, remetiam-se sempre a um ícone da filosofia, “sem apresentar nada de original”, foi justamente um dos períodos em que seu pensamento mais se desenvolveu. Munido do método fenomenológico-hermenêutico, o filósofo alemão viajou pela história da filosofia ocidental, de modo a produzir até “*Ser e Tempo*” quase 50 conferências e escritos (de que se tem notícia), filosofando sobre os mais diversos autores e temas da filosofia, um árduo esforço de alguém que escolheu dedicar a vida para a filosofia, de modo especial à compreensão daquela que ele considera a sua questão fundamental, o sentido do ser. Neste momento, é preciso destacar a influência da filosofia de Husserl. Foi esta o seu maior arcabouço teórico neste momento em que ele começa a demarcar suas próprias posições.

trazendo consigo a pergunta pelo sentido do ser, avançando pelo caminho que suas intuições haviam preparado na fenomenologia (...), manteve muito presente a aspiração de sua época. A vida concreta em sua historicidade e finitude vinha esquecida (...). A metafísica tradicional, não rasgava horizonte para a compreensão da vida fáctica, para a realidade humana<sup>22</sup>.

Isto faz com que Heidegger, tenha de mudar radicalmente o modo de seu pensar. Ele que tão bem se movimentava até aqui na história dos grandes clássicos da metafísica e da lógica, precisa partir de uma “outra racionalidade”, se quiser seguir seu caminho. O novo horizonte de sua viagem, será a *realidade humana*. A partir de agora, “não se trata mais de filosofar sobre a vida fáctica, mas a partir dela”,<sup>23</sup> ou seja, a recuperação do sentido do ser dependerá da recuperação da vida concreta.

Assim,

a feliz confluência da pergunta pelo ser, a preocupação pela vida fáctica e a abertura para o movimento interno da história da filosofia (...), fez com que Heidegger sondasse as raízes da tradição e nelas escutasse a questão que recuperaria a verdadeira historicidade e finitude.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 24.

<sup>23</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 148.

<sup>24</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 25.

Disto resulta que,

deste constante e teimoso escutar a história da filosofia, do adentramento em seus veios mais fecundos, brotou uma imensa obra (...). Heidegger escreveu apenas um livro: “*Ser e Tempo*”. E mesmo este nasceu nas análises em aula e nos seminários (...). Todas as outras obras são resultado de preleções, seminários, conferências e ensaios.<sup>25</sup>

As colunas do pensamento, Aristóteles, Kant e Hegel, serão sua “trindade” neste período de intensificação da fenomenologia. Heidegger quer recuperar o sentido do ser na filosofia e com ele o sentido da vida humana em uma Europa que geme, sem referência as dores de uma humanidade que criou “as bombas” de sua destruição. “*Ser e Tempo*” nascerá como a grande **abertura** em uma “trilha” que terá ainda cinco décadas de desbravamento.

#### **6. “*Ser e Tempo*”: finitude e historicidade**

A genialidade de suas conferências e seu bom relacionamento com os alunos lhe renderam, em 1923, um bom cargo de professor em Marburg. Sua fama já era considerável no meio universitário alemão, em decorrência do sucesso de suas conferências, embora alguns conceitos de seu pensamento como mundanidade, facticidade, existência, ainda soavam estranhos mesmo aos estudantes de filosofia. Seu cargo em Marburg era provisório, mas com a transferência de Nicolai Hartmann seu nome fora o mais indicado para assumir a cátedra que ficara vaga. Entrementes, desde 1921 trabalhava em manuscritos do que seria uma grande obra, no entanto, pouco se tinha conhecimento de seu conteúdo, escrito em um sítio no interior, onde o filósofo se revezava entre o trabalho com a lenha e os seus escritos. Ocorre que, em 1926, o ministro da cultura na Alemanha, decide repensar a colocação de Heidegger nesta cátedra, pois este era de grande fama como professor e conferencista, entretanto, literariamente Heidegger não apresentava nada mais expressivo que seu trabalho em Duns Scotus, publicado há mais de dez anos.

Esta situação o forçou a trabalhar de modo incessante durante dias sem dormir, para publicar pelo menos parte de seu projeto. Até que no começo de 1927, no “*Anuário de Pesquisa de Filosofia e Fenomenologia*” editado por Husserl e Max Scheler, Heidegger publica “*Ser e Tempo*”, obra que lhe renderá não só a

---

<sup>25</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 29.

cátedra de Marburg, mas o nome na galeria dos grande gênios da filosofia ocidental.

O ponto culminante da incrível produtividade e do intenso estudo de Heidegger nos anos precedentes, não traz somente a explicação dos conceitos nebulosos de suas aulas, mas o resultado de um estudo que penetrou no mais íntimo da filosofia. Trata-se de uma crítica que não quer só interpretar a filosofia, quer revitalizar o pensamento ocidental. Em “*Ser e Tempo*”, ele mostra que a pergunta pelo ser é “a pergunta que ocupa persistentemente a reflexão humana, desde os começos da história até hoje. É a pergunta pela importância da vida humana e da natureza”<sup>26</sup> que, embora seja uma pergunta permanentemente feita, não foi do mesmo modo compreendida em seu sentido.

Desse modo, “revitalizar” a filosofia significa recuperar a compreensão do sentido do ser, esquecido no modo de pensar predominante na história da metafísica, que chegou a seu ponto culminante na humanidade, destituída de sentido da época contemporânea. O projeto de Heidegger é ambicioso, recuperar o sentido do ser, desde uma relação própria e originária do homem com o próprio ser, a qual ele dará o nome de *existência*, designada no termo alemão *Da-sein* (ser-aí), que “significa, pois: nós não apenas somos, mas percebemos que somos. E nunca estamos acabados como algo presente, não podemos rodear a nós mesmos, mas em todos os pontos estamos abertos para um futuro”.<sup>27</sup>

Com isto, “*Ser e Tempo*” traz a resposta: *o sentido do ser é o tempo*, este é o horizonte aberto onde se dá a verdade do ser. Para Heidegger, o pensar metafísico se destituiu de sentido na objetivação científica do ser humano, porque esta se configura como uma fuga da temporalidade em que o *Dasein* é. Por isso, o sentido do ser não é captado com a consciência lógica, nem está dado como uma essência pronta a ser captada por um intelecto, mas está na temporalidade vivida do *Dasein*, ou seja, o sentido do ser se dá nos múltiplos modos de ser da existência humana. Deste modo, em “*Ser e Tempo*”, encontra-se não só a confluência do pensamento de Heidegger, mas com esta obra o pensador alemão atinge o cerne do pensamento ocidental. Talvez por isso, Heidegger precisou dedicar os próximos 50 anos de sua vida a explicá-la e a desenvolvê-la. Conforme Stein,

“*Ser e Tempo*” fora o momento genial de confluência das tentativas de quase um século de interrogação pela vida em

<sup>26</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 188.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.190.

sua finitude e historicidade e da interrogação de quase vinte anos do próprio autor, sendo ao mesmo tempo a porta escancarada para o novo começo, que Heidegger desvela como busca necessária, mas somente possível na clareira de “*Ser e Tempo*”.<sup>28</sup>

A causa da “incompletude” do projeto de “*Ser e Tempo*”, decorrente do não aparecimento das duas últimas seções fermenta diversas interpretações, o que é certo, é a importância chave desta publicação no pensamento de Heidegger entre a primeira e a segunda guerra mundial, no que se refere a sua busca em torno da pergunta: Que é o ser?

Em 1928, Heidegger é convocado para assumir o lugar de Husserl em Freiburg, suas conferências tornavam-se cada vez mais, grandes acontecimentos no meio filosófico, profissionalmente ele crescera muito com “*Ser e Tempo*”, mas filosoficamente não conseguia colher os frutos que sonhara com seu projeto.

O público esperava de Heidegger

uma descrição sistematicamente burilada do ser humano em seu mundo, que abrangesse todos os aspectos da vida. Lia-se “*Ser e Tempo*” como colaboração com a antropologia filosófica, e esperava-se a continuação do projeto (...). Heidegger rejeitara expressamente essa expectativa como um mal-entendido. Escreve (...) que não pode desenvolver uma filosofia acabada *sobre* o ser humano e sobre seus contextos fundamentais de vida. Imaginar esse acabamento contradiz a constituição fundamental do *Dasein*: sua finitude e historicidade. Sempre que o filosofar despertar no ser humano, começa de novo, e seu fim não é atingido como arredondamento sistemático.<sup>29</sup>

Sua rejeição a esta leitura de seu pensamento, não significa a exclusão da questão humana na sua filosofia, ao contrário, Heidegger quer atingir o coração da metafísica, *a questão do ser*, e para ele este coração se encontra no âmago da realidade humana. Por isso, as perguntas fundamentais da “*Metafísica*”, serão: *O que é mundo? O que é finitude? O que é solidão?* Pois, é da condição mais radical da vida humana, que Heidegger quer fazer brotar o filosofar.

---

<sup>28</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p.30.

<sup>29</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 234.

## 7. A leitura dos gregos e a viravolta

O mundo em que ele entrará no começo dos anos 30 será a Grécia, mais especificamente Platão. Entretanto, desde “*Ser e Tempo*” que

para Heidegger o sentido do ser é o tempo, portanto, o passar e acontecer. Para ele não há um ideal – de – ser da permanência, e nele o pensar tem exatamente a tarefa de tornar sensível a passagem do tempo.<sup>30</sup>

Isto quer dizer que sua leitura de Platão terá que ser com a mais profunda precisão e radicalidade crítica, uma vez que em Platão, ao contrário de Heidegger, a verdade tem constância, é estática, ou seja, verdade é precisão, adequação de um conhecimento ao conhecido. Em Platão, existe uma verdade absoluta das idéias. Mas Heidegger não pode aceitar esse pensamento,

para ele existe apenas um acontecimento de verdade que se realiza na relação do mesmo e na relação de mundo do ser humano (...) é um acontecimento que ocorre num movimento duplo: um movimento partindo do mundo, que se mostra, vem a frente aparece; e num movimento partindo do ser humano, que se apossa do mundo e o revela.<sup>31</sup>

Para Heidegger a natureza da verdade é a *liberdade*, que quer dizer a “distância” em que o homem se coloca, proporcionando uma *abertura*, na qual acontece o desvelamento do mundo. Assim, a verdade trata-se de *deixar-ser o ser*. Portanto, é somente nesta abertura que o homem pode estabelecer afirmações referentes aquilo que se mostra.

Isto significa, que “o ser humano não possui verdades irrefutáveis, mas está (...) em uma relação de verdade que produz aquele jogo de velar e desvelar, aparecer e desaparecer, estar-aí (*Da-sein*)”.<sup>32</sup> Disto decorre que a verdade está naquele algo que aparece, como ente desvelado, e não em uma essência extática como em Platão.

Deste pensamento elaborado de forma contundente em sua conferência “*Sobre a essência da verdade*” de 1930, emerge a conclusão de que

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 263.

<sup>31</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 264.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 265.

não pode haver um critério meta-histórico da verdade. Não há mais a interminável história de abordagem de uma verdade, nem o ímpeto da alma buscando o céu das idéias, existe apenas um acontecimento da verdade, e isto quer dizer: uma história de projetos-de-ser.<sup>33</sup>

É neste começo da década de 30, que para muitos estudiosos ocorre a chamada *viravolta* no pensamento de Heidegger. Fala-se de um movimento evolutivo em seu pensamento. Como vimos, o objetivo primeiro de seu filosofar é encontrar o impensado, o ser, e desvendá-lo no transcurso do tempo. O ser ou o “impensado”, seria considerado na primeira abordagem que corresponde a “*Ser e Tempo*”, “como o *solo* que sustenta tudo, tanto o começo como a história que dele deriva. Seria aquilo que, (...) sustenta inteiramente a questão diretriz da metafísica”.<sup>34</sup> O ser seria assim o *fundamento*, ou seja, um solo fundador ao qual “só o reenvio do pensamento a esse solo tão fundador, como desconhecido, permitiria (...) captá-lo em sua essência real”,<sup>35</sup> ocultada no endurecimento inaugurado pela tradição. Ora, solo, condição, fundamento, ontologia ainda são termos de uma linguagem proveniente do pensamento metafísico, a isto o próprio Heidegger atribui o “fracasso” de “*Ser e Tempo*”.

A *viravolta* ocorre exatamente do ponto em que,

o pensamento heideggeriano, dá a si próprio os meios teóricos para escapar ao campo metafísico, nomeadamente a um dos seus conceitos cardeais, o de fundamento. Todavia, isto não quer dizer (...) que estes meios sejam de imediato utilizados plenamente (...), mas simplesmente que se torna possível, a partir deles, uma transformação do pensamento.<sup>36</sup>

Este segundo momento se caracteriza pelo entendimento de que o ser, esquecido na história, possui um caráter de retiro (velamento), ou seja, o ser que se desvela na abertura ao mesmo tempo permanece velado. Por isso, o desvelar dos modos de ser do *Dasein* em “*Ser e Tempo*”, “exigia uma anterior penetração na história do ser. Só ela manifestaria o homem como guardião duma história ontológica em que radicava sua temporalidade”.<sup>37</sup> Isto implica em um passo de volta para além da metafísica, no intuito de

---

<sup>33</sup> *Ibidem*.

<sup>34</sup> ZARADER. *Heidegger e as palavras da origem*, p. 350.

<sup>35</sup> ZARADER. *Heidegger e as palavras da origem*, p. 351.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 349.

<sup>37</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 65.

desvelar fenomenologicamente o acontecer do ser, que não é velado pelo descuido dos pensadores e de uma humanidade determinada, mas que se esconde a partir do próprio ser, que se retrai enquanto vela seu próprio velamento no desvelamento dos entes (...). A história do ser deve ser vista como *Alètheia*, como o acontecer da verdade, do desvelamento dos entes.<sup>38</sup>

Este novo modo de pensar que emerge a partir dos anos 30, é o passo a ser dado, em relação à segunda parte de “*Ser e Tempo*” não publicada. Quanto à divisão entre Heidegger I e II, o naufrágio ou não de “*Ser e Tempo*”, o próprio Heidegger responde assim a Richardson em 1962:

O pensamento da viravolta é uma mudança de rumo em meu pensamento. Mas esta mudança de rumo não é consequência fundada na modificação do ponto de vista ou mesmo abandono da problematização de “*Ser e Tempo*” (...). Em “*Ser e Tempo*” o ponto de partida da interrogação é posto fora do âmbito da subjetividade, que afastada toda questão antropológica, muito antes é determinante, unicamente a experiência do ser-aí a partir da constante prospecção sobre a “questão do ser” (...), o ser questionado em “*Ser e Tempo*” de nenhum modo pode permanecer uma imposição do sujeito humano, o ser como apresentar caracterizado por sua marca temporal, interessa o ser-aí (...). Já no ponto de partida da questão do ser em “*Ser e Tempo*”, o pensamento é chamado para uma mudança de rumo (...), a problematização de “*Ser e Tempo*”, contudo, de nenhum modo é abandonada (...). Sua distinção entre “Heidegger I e Heidegger II”, somente se justifica sob a condição de (...) se atentar: somente a partir do que é pensado sob o I torna-se acessível primeiramente o que sob o II deve ser pensado. Mas o I só se torna possível, se vem contido no II.<sup>39</sup>

Em seu texto “*Sobre o Humanismo*”, ele explica, definitivamente, porque esta viravolta não representa um fracasso de “*Ser e Tempo*”, mas, ao contrário, nela é alcançada a intencionalidade motivadora de sua grande obra:

A tarefa de repetir e acompanhar de maneira adequada e suficiente este outro pensar que abandona a subjetividade, foi sem dúvida dificultada pelo fato de na publicação de “*Ser e*

---

<sup>38</sup> *Ibidem.*

<sup>39</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 59-61.

*Tempo*”, eu haver retido a terceira secção da primeira parte, “*Tempo e Ser*”. Aqui o todo se inverte. A secção problemática foi retirada, porque o dizer desta viravolta fracassou e não teve sucesso com o auxílio da linguagem da Metafísica. A conferência “*Sobre a essência da verdade*” (...), oferece uma certa perspectiva sobre o pensamento da viravolta de “*Ser e Tempo*” para “*Tempo e Ser*”. Essa viravolta não é uma mudança do ponto de vista de “*Ser e Tempo*”; mas nesta viravolta o pensar ousado alcança o lugar do âmbito a partir do qual “*Ser e Tempo*” foi compreendido, e na verdade, compreendido a partir da experiência fundamental do esquecimento do ser.<sup>40</sup>

## 8. Os anos de fracasso e o “novo começo”

Nas duas décadas entre “*Ser e Tempo*” e o final da segunda guerra mundial, Heidegger torna-se uma das personalidades mais geniais, influentes e enigmáticas da Alemanha. Era um intelectual que agia e se portava como um “camponês”, em um contexto universitário, marcado por estruturas conservadoras, um gênio da filosofia que, para falar sobre as contradições de seu tempo, interpretava textos de 25 séculos atrás, e que não aceitava ser “enquadrado” em nenhuma das correntes filosóficas de sua época.

Dizer que ele queria “mudar o mundo”, através da filosofia, talvez não fosse uma loucura, mas como não temos como fundamentar tal afirmação, podemos dizer apenas que se tratava de um filósofo que sonhava em ver “seu pensar *acontecer*”. Provavelmente, tenha sido esta a causa de um engajamento político tão desastroso e frustrante ao próprio Heidegger.

Depois de seu fiasco na reitoria de Freiburg em 1934, enquanto membro do partido nazista, Heidegger, que agora estava entre os “grandes” da filosofia, percebera que seu jeito de pensar e que sua filosofia estavam na verdade muito distantes da realidade naquela época. Em decorrência disso, os anos quarenta lhe serão de uma profunda crise pessoal, não só pela destruição da Alemanha e por seu julgamento político, mas sobretudo pelo que a guerra e a Alemanha agora significavam para ele, eram a consumação daquilo que com sua filosofia ele sonhava em mudar e fracassara.

Suas conferências falavam contra a metafísica e contra a objetivação, mas este era justamente o caminho que seguia a Alemanha que acabaria na guerra. Para aquela época, o pensar de

---

<sup>40</sup> HEIDEGGER. *Sobre o Humanismo*, p. 156.

Heidegger era esquizofrênico, seu fracasso na reitoria mostrou isso, sua mensagem chegara cedo demais, e possivelmente muito confiante para uma humanidade que ainda tinha de viver uma guerra.

Em 1935, faz sua primeira conferência sobre o poeta alemão Hölderlin este terá uma influência decisiva em seu pensar. Mas o que este filósofo com sensação de fracasso, procurava naquela poesia? “O poeta da coisa alemã, o poeta que dominou a força da poesia; parteiro de novos deuses, caminhante de fronteiras e grande fracassado – era assim que viam Hölderlin, e Heidegger ligou-se a isso”.<sup>41</sup>

A “destruição da metafísica”, anunciada em “*Ser e Tempo*”, tem um ponto de consumação. Para ele a filosofia de Friedrich Nietzsche é a consumação da metafísica. “Deus está morto”; este é para Heidegger o último grito da metafísica. Em Nietzsche a metafísica engole a si mesma em seu próprio esquecimento, na forma do niilismo. Pois, foi Nietzsche quem

viu no dualismo, na dualidade mundo sensível – suprasensível, o niilismo enquanto desde Platão o mundo das idéias, do invisível era o decisivo. Mas Nietzsche simplesmente inverte os valores mais altos do platonismo e os substitui pelos valores da vida. Nietzsche eleva ao seu trono a animalidade contra a racionalidade que dominara durante dois milênios. Mas esta inversão ainda se movimenta na própria metafísica, e como tal não problematiza a metafísica como um todo.<sup>42</sup>

Com Nietzsche, ele vai às raízes mais profundas da metafísica, e encontra no niilismo a perfeita consumação do esquecimento do ser. Se Deus está morto, o homem está assim abandonado sem sentido, em meio aos entes. Heidegger não encontra em Nietzsche a superação desta objetivação da vida humana no pensar metafísico, por isso, desde Nietzsche seu pensar terá que dar um passo de volta em sua “trilha”, a fim de reencontrar as raízes do pensamento e, sobretudo, recomeçar a partir delas.

Este “novo começo” só pode acontecer mediante um pensar que seja mais originário do que a metafísica. Para Heidegger, este pensar só pode emergir de uma linguagem que fale mais originariamente que a metafísica, esta será a poesia de Hölderlin.

---

<sup>41</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 336.

<sup>42</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 81.

Tratar-se-á de um pensar, que terá de falar à uma humanidade que se encontra na indigência, pois,

de um lado falta o Deus, e de outro falta o ser (...), chegamos tarde demais para o Deus que era valorizado na metafísica, porque de certo modo morreu, como diz Nietzsche. Mas, de outro lado, nós também chegamos cedo demais para o ser, porque ele está começando a ser colocado.<sup>43</sup>

Isto significa que o mundo contemporâneo se encontra em uma condição desértica, “*o deserto da técnica*”, a plena objetivação do mundo, da natureza, do ser humano. Heidegger experimenta essa condição no desenvolvimento alemão dos anos 30, e sobretudo em sua conseqüência mais brutal que foi a guerra dos anos 40. Segundo ele, a técnica só foi possível, porque a metafísica se esqueceu do ser e, por isso, pode produzir um pensamento sob o deserto, o deserto do esquecimento. Sua intenção é fazer com que a voz de Hölderlin ressoe no eco de Nietzsche, se este proclamou a morte de Deus,

Hölderlin canta a verdade como sagrado, como o elemento divino, num momento em que ainda ressoa o grito de Nietzsche (...). A ausência de Deus é fruto do desaparecimento do espaço de sua manifestação que é o espaço do ser; (...) Deus não se torna manifestável, porque o ser está esquecido.<sup>44</sup>

A rigidez da metafísica enquadró até mesmo Deus e sua manifestação. Este “ateísmo” que aqui se mostra, não se trata em um primeiro momento de negar a Deus, mas de constatar a impossibilidade de sua presença no modo de pensar objetificador da técnica. Assim sendo, o que o pensar precisa encontrar, é um novo espaço para o ser, que Hölderlin chamou de sagrado.

O sagrado é aquilo em que o poeta envolve a vinda do Deus (...). O sagrado é o mesmo que a verdade, o mesmo que acontecimento – apropriação, é o próprio ser (...). Assim, o poeta funda poéticamente, a morada permanente do homem no outro começo.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 93.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 96-97.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 97.

Esse “*poeticamente*”, diz respeito ao novo começo, ao novo pensar e por conseqüência a uma nova linguagem que diz a verdade do ser mais originariamente que a metafísica. A partir deste pensar

Heidegger tenta descobrir no homem o lugar em que o ser se manifesta. A definição que ele dará de homem, evidentemente é uma definição teórica, que deverá ser captada no seu acontecer, mais vivo, mais existencial: “O homem é o ser que compreende o ser.”<sup>46</sup>

Na era da técnica, Heidegger trabalha arduamente por uma filosofia que supere a metafísica e reencontre o sentido da existência humana. O esforço de “*Ser e Tempo*”, foi para reencontrar a relação originária que a metafísica não pensou, o esforço do “segundo Heidegger”, será o de desenvolver um novo pensamento a partir do encontro com o impensado.

Com a guerra, a Alemanha prova ser “a mais cartesiana das nações”, e por isso, ele sente seu pensar cada vez mais distante de sua realidade concreta, tanto acadêmica como política. Ele agora é um filósofo solitário, a grande vencedora da guerra foi a economia da maquinação, esta conseguiu aniquilar o ser humano, tornando-o um objeto material.

## 9. A carta “*Sobre o Humanismo*”

A década de 1935-45 será o período de Nietzsche, Heráclito e Parmênides. Nos anos 40 surgem suas interpretações sobre Nietzsche, desde o qual seu pensar pode dar “*o passo de volta*”. Isto significa, voltar às origens daquilo que desmoronava com a guerra, o Ocidente. Enquanto a humanidade ocidental se afundava na guerra, Heidegger mergulhava solitário na busca das origens.

Depois do fùhrer e da destruição da guerra, o que sobrou do alemão? O contexto interno da Alemanha era para Heidegger uma casa destruída. Os sentimentos comuns eram: a melancolia, a angústia e o desespero, provenientes da inatividade e da perplexidade de um povo que havia ressurgido das cinzas com seu fùhrer, mas que agora se encontra afundado na poeira dos escombros. Heidegger sente que é preciso recomeçar, mas de onde? A utopia nacional-socialista desaba com a guerra, e a Alemanha sem rumo junta os pedaços de uma destruição que ela não sabe nem qual foi a causa. Esta é a resposta que a filosofia precisa encontrar,

<sup>46</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 94.

e juntamente com ela capinar a trilha do novo começo. Mas antes, Heidegger ainda tem de enfrentar o julgamento por seu envolvimento com o partido de Hitler, e superar um dos piores episódios de sua vida, a proibição de ensinar.

Na Europa devastada pela guerra, eclodem de maneira vibrante as questões humanistas. Trata-se de um “grito” pelo resgate dos valores humanos, esquecidos pela “sociedade da técnica” que quase destruiu o mundo com a guerra. A maior evidência deste movimento será a filosofia existencialista de Jean Paul Sartre. Na histórica conferência de 29 de outubro de 1945, o filósofo francês responderá pelo *destino do humanismo*, a uma Europa marcada pela barbárie e pela desumanidade. Sua resposta será que

valores humanistas nos quais podemos confiar, porque aparentemente estão firmemente instalados em nossa civilização não existem. Apenas existem, se a cada vez os inventamos na hora da decisão e os fazemos reais. Existencialismo coloca o ser humano diante dessa liberdade e da responsabilidade que se liga a ela (...) a ação é a única coisa que permite ao homem viver; um ser humano se engaja em sua vida, desenha seu rosto, e além disso nada existe.<sup>47</sup>

Nesse período, também Heidegger havia-se tornado um entusiasta do pensamento de Sartre. Ambos chegaram a trocar correspondências, embora nunca conseguiram realizar este que seria um encontro histórico para filosofia. O humanismo também tornara-se pauta de outros pensadores, de modo especial da filosofia cristã nas figuras de Gabriel Marcel e Romano Guardini, e mais cedo ou mais tarde teria que se tornar pauta também do pensar de Heidegger.

Justamente por um francês, Heidegger é levado a abordar este tema tão caro a filosofia naquele momento, pelo jovem pensador *Jean Beaufret*. Este,

conforme relato próprio, teve a sua experiência de Heidegger exatamente a 4 de junho de 1944, dia da invasão aliada na Normandia: pela primeira vez ele o compreendera! (...) Quando os franceses invadiram Freiburg, Beaufret mandou uma carta arrebatada a Heidegger, através de um oficial. “Sim, com o senhor é a própria filosofia que se liberta,

---

<sup>47</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 417-418.

determinada, de qualquer trivialidade, e se reveste do essencial da sua dignidade.<sup>48</sup>

Após uma visita de Beaufret a Heidegger em Freiburg, os dois consolidam uma amizade cuja primeira consequência foi o texto “*Sobre o Humanismo*”, que o pensador alemão escreve em forma de carta a Beaufret, motivado pela pergunta que este lhe fizera: *Como tornar a dar sentido à palavra humanismo?*

Estando proibido de lecionar, Heidegger tornara-se agora um pensador “independente”, responde com satisfação a interrogação de seu novo amigo. Vê nela, não só uma oportunidade de dar respostas às angústias de seu tempo, mas também de responder sobre seu próprio pensar. Este texto,

age como um documento daquela perplexidade (...), Heidegger procura o começo do terrível fim, não em Adão e Eva, nem em Odisseu como na “*Dialética do Iluminismo*” de Adorno/Horkheimer (...), mas igualmente em uma nebulosa época antiga, em Platão e seus sucessores<sup>49</sup>.

Aqui, ele está sendo convocado a falar sobre o humanismo em um contraponto com a sociedade da técnica. Mas, é sabido que sua “trilha” na filosofia pretende, antes de tudo, atingir um pensar mais originário do que o pensar metafísico, que segundo ele é a base deste “mundo da técnica”. Neste sentido, o texto “*Sobre o Humanismo*”, trata-se de um

documento de “intensificada continuação” e ao mesmo tempo uma contabilidade em causa própria (...) como tentativa de recapitular seu próprio pensar e determinar seu lugar atual, como abertura de um horizonte onde se visualizam certos problemas da vida em nossa civilização – visto assim, esse texto é um documento grandioso e também eficiente da trajetória intelectual de Heidegger. Além disso, já está presente toda a filosofia heideggeriana posterior.<sup>50</sup>

Enquanto Sartre apresentava seu existencialismo como sendo um “novo humanismo”, Heidegger diz que o problema é justamente o humanismo. Se este não pensar para além de si próprio, permanecerá mantendo-se no mesmo desamparo metafísico, em que se encontra no deserto da técnica. O pensador

<sup>48</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 416.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 425.

<sup>50</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 425-426.

alemão quer superar o pensamento técnico, mostrando suas raízes que se encontram na *tèkhne* grega, e desde aí demonstrar que a causa da perda de sentido do humano, está exatamente neste pensar que, destituído de sua essência, caiu no domínio do útil. Heidegger precisa mostrar que o pensar já possui suficiente engajamento preocupando-se consigo mesmo. Isto ele o faz, demonstrando que a intenção original de todo pensar, era o problema do ser. Com a análise do *Dasein*, Heidegger abre caminho em busca da experiência do ser. Contudo, a linguagem metafísica impede-o de mergulhar em sua intenção mais importante. Por isso, ele precisa, agora, que sua motivação originária se abstraia da linguagem científica, é neste sentido que ele passa a escrever *existência* como *ec-sistência*.

No texto “*Sobre o Humanismo*”, ele quer mostrar que não é possível dar sentido ao humanismo, enquanto se pensar ao modo da metafísica, pois, este pensar já está destituído de sentido, do sentido do ser. Por isso, faz-se necessário levar o pensar novamente à sua essência na proximidade da verdade do ser. Somente desde esta proximidade consegue-se pensar o homem como *Dasein*, sua essência como *ec-sistência*. Em outras palavras, só é possível dar novamente sentido à vida humana, na sociedade da técnica, pensando mais originariamente que a metafísica, origem do pensamento técnico, e isto significa levar o pensar novamente para junto do ser. Portanto, o pensar reconduzido à sua essência, deverá deixar acontecer o desvelamento do ser em sua verdade, ou seja, precisará atentar ao lugar deste desvelamento do *Dasein*, o ser humano *ec-sistente*.

A quantidade de páginas deste texto, relativamente pequeno, não condiz em nada com sua grandeza e importância. Este texto, não é apenas uma peça chave, para caminharmos nas “trilhas” da filosofia de Heidegger, mas é sobretudo uma janela desde a qual podemos visualizar o pensamento de Heidegger em seu contexto na história da filosofia. Nele, está manifesto o cerne deste grandioso pensamento, que desde de “*Ser e Tempo*” sonhara em revolucionar a filosofia.

Na carta a Beaufret, o filósofo alemão expressa de maneira genuinamente heideggeriana, sua intenção fundamental desde a publicação de sua grande obra, mas que não pôde expressar plenamente em “*Ser e Tempo*”, porque como ele mesmo diz, em 1927 seu pensar ainda não havia amadurecido o suficiente para além da linguagem metafísica. Neste sentido, que na carta “*Sobre o Humanismo*” se encontra “todo” Heidegger, pois, nela ele não apenas “fala” sobre humanismo, mas mostra o seu pensar para o

mundo, de uma maneira como nunca antes o fizera, ao mesmo tempo em que lança as bases de um pensar que não emergirá mais das relações acadêmicas da universidade, onde ele fora proibido de ensinar, mas que será fruto do cotidiano de um “camponês”, que agora declara “eu sou apenas um filósofo”, e na verdade mais precisamente, ele nem quer isso, quer ser “só” um pensador”,<sup>51</sup> que com a postura de seu mestre Heráclito, quer fazer surgir do cotidiano a verdade que ali se desvela.

Com este modo de fazer filosofia, que

desde as encostas da floresta negra, “onde a vida parece dormir”, projetou-se, como um bloco errático, no fluxo imprevisível da era atômica, a constância percutante de um pensamento a procura do chão primeiro do destino do ocidente (...). Heidegger avança os sinais de nosso tempo, no passo de volta às nossas raízes (...) revela nossas possibilidades escondidas no horizonte oculto da tradição. Acolhendo na meditação o que foi pensado, preparamos o âmbito do que ainda deve ser pensado.<sup>52</sup>

## Conclusão

Podemos concluir que uma característica nuclear do pensamento heideggeriano é a abertura de horizontes. Se olharmos atentamente sua biografia, podemos perceber que sua obra emerge da inquietação, suscitada em seu pensar por questões que remetiam a um “confronto” não apenas com a tradição do pensamento ocidental, mas também com sua própria vida. Heidegger interpretou os grandes enigmas da história do pensamento, trazendo consigo os “acontecimentos” de sua história concreta. Quando esta “história concreta” tornou-se o objeto principal do seu pensar, foi à luz da tradição do pensamento que ele se voltou, para compreender a história, a vida e a si próprio.

O pensamento de Heidegger é fruto deste diálogo constante entre pensar, tradição, vida e realidade, numa incansável busca por aquilo que o homem ocidental deixou no esquecimento – o sentido do ser – da vida e da história. É voltando-se à existência concreta do homem histórico que o pensar pode re-encontrar-se com o sentido e superar a técnica. Este é um dos horizontes a que Heidegger conduz seu pensamento. Não traz soluções acabadas. Ao

<sup>51</sup> SAFRANSKI. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*, p. 425.

<sup>52</sup> STEIN. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*, p. 7.

contrário, tenta superá-las através de um pensar dinâmico e interrogativo que abre novos horizontes para que o homem compreenda-se na história. Por isso, ele tanto criticou as metafísicas que queriam dar ao homem uma essência acabada sobre si e sobre a história. Seu pensar ambicionava “abrir os olhos” do homem contemporâneo para a temporalidade de sua existência. Esta perspectiva fez de Heidegger um pensador “esquizofrênico” para a Alemanha de seu tempo, a chance de uma reconstrução quando “o humano entrou em crise”, a possibilidade de um pensar diferente quando a filosofia já não conseguir responder às “crises” de seu tempo.

---

**Abstract:** This article is a presentation of biographical aspects and the thought of Martin Heidegger, German philosopher Century. XX. it Attempts to relate the two fields in order to understand the author's thinking in its construction, as well as its importance to the history of contemporary thought. The article discusses Heidegger's life since childhood, exposing his encounters with the issues most relevant to philosophy, his criticism of Western thought and the solutions that the author presents.

**Keywords:** Thinking; meaning and Human.

---

### **Bibliografia**

FERRY, Luc. *Aprender a Viver: Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *O Caminho do Campo*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969, p. 65-72.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Humanismo*. Tradução de Ernildo Stein. In: Os Pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 147-175.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de Lya Luft. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. 1. ed. Porto Alegre: ITHACA, 1966.

ZARADER, Marlene. *Heidegger e as palavras da origem*. Tradução de João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.